

O POVO de OVAR

Redacção e Administração
RUA DE ANTERO DO QUENTAL, 36
— OVAR —

SEMANARIO REPUBLICANO

Composição e impressão
IMPrensa PATRIA
TELEFONE 105

ASSINATURAS

Para a Vila e Continente, semestre . . . 10\$00
Colónias portuguesas, semestre . . . 15\$00
Países Estrangeiros, semestre . . . 20\$00
Avulso \$50

Director, Editor e Proprietário

Manuel Dias Nunes Branco

ANÚNCIOS

Primeira publicação, 1\$00 a linha. Repetições, \$80
Permanentes e reclamos, preços convencionais
Comunicados, 1\$20 cada linha.
Aos assinantes 25% de abatimento

Factos...

Edward Elgar

Elgar figura ao lado de Purcell e Byrd entre os grandes compositores de Inglaterra, mas, ao contrário de seus contemporâneos, não foi influenciado pelo renascimento das canções tradicionais. Desenvolveu nas suas composições um estilo pessoal que caracteriza o espírito de Inglaterra e dos ingleses.

A sua enorme vitalidade, o seu bom humor e a sua sensibilidade, o seu amor pelos animais e pelo campo, são algumas de suas qualidades essencialmente britânicas. Elgar foi uma mistura curiosa de visionário e de homem comum, visionário na sua música, homem comum no seu amor pelas corridas e pela pompa. Foi assim que pôde exprimir «a própria essência do espírito da raça nas suas marchas militares e outras obras como «Cockaigne» e «Falstaff».

A morte de Lady Elgar em 1920 transtornou muito o grande compositor. O seu poder criador diminuiu. Durante doze anos não produziu nada de importância. Foi então que a B.B.C. o encarregou da composição duma terceira sinfonia; e o fogo criador e vitalidade voltaram. Elgar decidiu que este trabalho seria sua obra mestra. Em 1929 mudou-se para Worcester. A grande sinfonia esboça-se na sua mente; a sua capacidade mental não diminuiu, mas o seu físico outrora tão robusto já não estava à altura do esforço criador.

De seu leito de morte Elgar deu a Ernest Newman o esboço do movimento lento de sua terceira sinfonia. E Newman declarou que as notas escritas demonstravam como eram profundos os sentimentos e pensamentos em que a sua música tinha origem.

Os principais trabalhos de Elgar, sinfonias, concertos e estudos sinfónicos retratam o homem e o músico, na sua amalgama curiosa de estilo empolado e conceitos profundos, de alegria e solenidade, de poesia e de ostentação, de nobreza e humildade.

Discursolatria

A mania dos discursos é muito antiga. Pinheiro Chagas, descrevendo a embaixada flamenga que veio buscar, a Portugal, a infanta D. Maria, neta de D. João III, e futura esposa do duque de Parma, Alexandre Farnésio, descreve, nos seguintes termos, baseado em documentos autênticos, a recepção que D. Sebastião lhe ofereceu no Paço: «O rei abraçou o conde de Mausfeldt, e não consentiu que ele lhe beijasse a mão. O conde então fez-lhe um discurso, outro á rainha, outro ao cardinal, outro a cada uma das infantas, sendo mais longo, diz Borday, o que fez á princesa Isabel e á noiva. Depois a condessa também fez discurso, e discursos foram feitos por todas as damas e por todos os fidalgos...»

Mas antigamente, estes casos só esporadicamente aconteciam, ao passo que agora todos os dias a verborreia assume maiores proporções. Os discursos estão na moda; como as modas são atraentes e contagiosas, toda a gente se dá, hoje, ao luxo de falar a propósito de tudo e de nada. É mais fácil proferir um discurso, recheado de lugares-comuns e de termos bombásticos, do que trabalhar frutuosamente. Os homens activos e os cidadãos úteis ou prestantes á colectividade só por excepção falam em público. Os ociosos e os que menos produzem são aqueles que mais discursam. Falar é um ofício leve; quem não tem qualquer outra profissão ocupa-se a fazer discursos e a arengar ás massas. Quando se trata de peças orató-

rias antecipadamente preparadas, ainda não há grande perigo, porque se presume que todas as palavras devem ter sido medidas e consideradas nos seus diversos aspectos. Mas já não é possível dizer outro tanto, quando se trata de improvisos. Quantas incorrecções de gramática se cometem em tais ocasiões!

Quantas ideias levianas ou falsas se emitem, possivelmente na melhor boa fé, mas, ás vezes, com terríveis consequências sociais ou internacionais! Dizia um escritor célebre que *a única liberdade que existe é a da asneira*; e, de facto, se não existisse esta liberdade, muitos discursadores pagariam bastante cara a sua ousadia.

Felizmente, as palavras voam, e, na maioria dos casos, nem delas fica eco algum.

Em geral, os discursos são tão iguais uns aos outros que nem sequer chegam a impressionar. Falta-lhes sinceridade e, principalmente, o sentido das realidades. Para os oradores, que brotam, como escalracho, por toda a parte, não há problemas difíceis; para todos têm eles planos, projectos e ideias! Em seu critério simplista, parece que tudo se pederia resolver com... discursos. É preciso moralisar a família? Fazem-se alguns espectaculosos discursos, e não se passa daí... É necessário salubrir a vida da nação? Fazem-se alguns eruditos discursos, e fica-se nisto; em razão do princípio do menor esforço... É preciso aumentar a produção? Há sempre pessoas que estão dispo-

Continua na 4a. página

& Opiniões

Protestando de novo

Mais uma vez fomos enxovalhados em Aveiro.

O campo de jogos daquela cidade serviu no último domingo, durante o encontro *Beira-Mar-Ovarense*, para nêle os aveirenses insultarem vergonhosamente, com frases ridículas e imundas os nossos jogadores e agredirem a embaixada vareira que os acompanhou, a todos amesquinhando ignobilmente.

Tudo isto se passou sem que os ouvidos da policia se ferissem e os seus olhares o notassem.

Quem semeia ventos... colhe tempestades...

Perante as autoridades da sede do distrito e as pessoas limpas daquela cidade, lavramos o nosso vivo protesto, contra as prepotências de que fomos victimas os ovarenses.

Cães

Uma informação de origem francesa diz andarem pelo noroeste da França bandos de cães, famintos e selvagens.

Este aspecto é da guerra de todos os tempos. Em certas épocas da história, os cães, em bandos numerosíssimos, constituíam, nestas circunstâncias, um perigo maior do que os lobos. Menos medrosos do homem do que as feras, atacavam afoitamente — e o perigo tornava-se de proporções gigantescas.

A guerra — sempre outra e sempre a mesma.

Andorinhas

Já nos deram o prazer da sua visita anual, estas lindas avezinhas, as formosas mensageiras da Primavera.

Dentro em pouco, todas essas pequeninas obras de arte construídas de lama, serão o berço dos seus enlêvos.

Alem da alegria que nos dão, ao vêr-mo-las cortarem os ares em zig-zags constantes, anunciam-nos o aproximamento da festiva quadra primaveril.

A imprensa nos meios pequenos

O leitor não imagina, com certeza, as espantosas dificuldades que surgem para quem como profissional ou amador se dedica ao jornalismo nos meios pequenos.

O jornal no meio grande, o jornal de larga tiragem, respira livremente, está sempre ou quasi em condições desafiadoras quanto à sua confecção espiritual. Se versa sobre pontos doutrinários subjectivos ou directos, fa-lo mais ou menos à vontade, sem preocupações de qualquer natureza. Junte-se-lhe a isto uma constante colaboração literária variadíssima a par de sensacionais e espalhafatosas reportagens — características estas obtidas não só pelas facilidades extraordinárias que o meio lhe faculta como também pela enorme engrenagem do seu capital circulante. Segue-se-lhe depois o noticiário fresco e o relato palpitante do serviço telegráfico junto à gravura que sugere e prende a imediata observação do leitor. E', por consequência um género de organização publicitária que opera em circumstancias maravilhosas; conseguindo a todo o momento tanto um maior lucro financeiro em todos os sectores que haja empatado o seu capital como um máximo de entusiasmo no público em possuir essas espaçosas folhas de papel impressas, dia a dia; folhas que não aborrecem nem cansam nunca.

Vejamos agora em que condições vive a pequena imprensa, essa imprensa regional, de tiragem reduzida e escassa de colaboração, onde só há arranjos simples e improvisados; enfim, essa pequena imprensa alumiada a candeias de azeite e alimentada a balões de oxigénio.

Ela não pode nunca afirmar-se como porta-voz do noticiário em larga escala, imprevisto e retumbante, — o que mais interessa, afinal — não só por via do grande espaço de tempo que vai duma a outra publicação (semanária ou quinzenária), como por falta de rápidas comunicações entre os grandes centros e as pequenas localidades em que é feita. Afóra isto há ainda mais algumas razões de peso, mas que por ser fastidioso e desinteressado nos abstermos de relatar. E não nos coneta que o público goste de noticiário tardio, velho, recêso...

Se envereda pelo caminho da polémica doutrinária, consubstanciada no interesse colectivo e local, vê-se e deseja-se. Se mexe nisto, oh! ceus! cai o Carmo e a Trindade! Se bole naquilo é um verdadeiro

Continua na 4a. columna

MIRABOLANTE!

Ninguém pode ficar indiferente perante os terríveis efeitos do temporal devastador, escrevia eu no último número, e repito a mesma afirmação.

Porque cada vez mais nos vamos capacitando da enormidade dos prejuizos sofridos por quem não está nas condições económicas de os suportar.

Além das ruínas causadas em humildes tugúrios e velhos muros de vedação pela queda de pesadas arvores, há ainda a notar o destelhamento de bastantes casas, o desmoronamento de algumas chaminés e claraboias e o reviramento de alguns beirais de telhados.

Isto não foi geral, mas o que sucedeu serve para causar cruéis embaraços aos proprietários menos favorecidos de meios de fortuna.

Nem a todos é fácil resolver este problema angustioso das reparações dos prédios, que para alguns representam quasi que exclusivamente o remédio de vida, o único rendimento de que podem dispôr.

Senão vejamos, em poucas palavras, as despesas a fazer: licença camarária, mão de obra, materiais de construção — cal, cimento, sabro, madeira, pregos, etc. E depressa concluiremos que é uma quebra-cabeça para tanta gente o ter de consertar os estragos produzidos. Há-de haver bastante gente que não terá sequer possibilidades de pagar as despesas com tais consertos se não lhes valer algum auxílio estranho.

Há dias já andou pelas portas uma pobre mulher angariando donativos para levantar um palheiro que tinha caído, dizia ela.

De umas pessoas, sabemos nós que já gastaram \$500 com mão de obra empregada só no arranjo do telhado revolvido pelo temporal. E ainda não pensaram em pagar algum material já fornecido, nem tão pouco em mandar fazer reparações mais importantes, como o levantamento da chaminé e do beiral do telhado. Para que importância não irá isso? pensam essas pessoas aterradas.

Ninguém pode, repito, ficar indiferente perante tais circumstancias.

E' de esperar que a Camara Municipal delibere a suspensão de licenças camarárias para as reparações de estragos produzidos por efeito do temporal, a exemplo do que tem feito outras Camaras.

Mas isso, sendo muito, não é o bastante.

E não sendo facil aos recursos da C. M. acudir a todos os sinistrados pobres, assim como não será facil ao Estado acudir a todos os prejuizos do país com os créditos votados, por

mais avultados que sejam, é bem de vêr que só a liberalidade particular pode acorrer em auxilio dos necessitados.

E assim toma vulto uma ideia generosa, que podia ser posta em pratica pela nossa Humanitária Associação dos Bombeiros Voluntarios, que é a de realizar um *Bando Precatorio* a favor dos sinistrados pobres deste concelho que foram vítimas do violento temporal da noite de 15 do corrente.

Os nossos bombeiros, os soldados da paz, terão jus uma vez mais á admiração dos vareiros, porque não hesitam em correr ao peditório com a mesma boa vontade com que se lançam ao ataque de um incendio.

O mesmo entusiasmo sagrado que os lança ao ataque contra as chamas, que os faz subir para um pronto-socorro em busca dos sinistrados, os ha-de levar a pedir um obulo para as victimas do terrível vendaval que nos flagelou.

E, depois, só eles é que estão nas condições de percorrer mais rapidamente não só a área desta vila, como também as freguesias do concelho.

Na cruzada humanitária que se projecta não deve deixar-se de bater a todas as portas. O coração dos portugueses é sensível, e por isso ele não deixará de vibrar em unisono com a fervorosa acção de humanitarismo de quem lhe fôr bater á porta. O *Bando Precatorio* ha-de ser bem recebido, tanto aqui como nas freguezias, porque ele é a voz da caridade que pede no intuito de se enxugarem muitas lágrimas de aflicção e de se minorarem muitas necessidades, tudo causado pela grande e irremediavel desgraça de que todo o país sentiu bem dolorosamente o peso.

Nós não vemos outra maneira de atenuar o mal causado a tantos lares, onde a miseria espreita se já não invadiu com todo o seu cortejo de horrores. Além desses lares, há outros onde vegeta uma pobreza envergonhada, que com esta ultima desgraça viu mais amargurada a sua vida.

Para uns e outros será uma benção e conforto o auxilio prestado por meio dos donativos que o *Bando Precatorio* pode colher das mãos generosas do nosso povo.

A ideia aí fica, e oxalá tenhamos a alegria de a ver perfilhada e posta em execução por quem verdadeiramente está nas condições de a fazer.

ESFINGE.

Vende-se uma casa com quintal, na Rua Dr. Francisco Zagalo. Informa esta redacção.

A imprensa nos meios pequenos

desmanchar de feira! O fim do mundo!

Ora porque é um muro que caiu e não se levanta, ora porque se se levantou deveria ter ficado em condições; porque se embargou um melhoramento de utilidade pública ou porque se não embargou aquele aleijão inestético. E assim, sucessivamente...

— Lombrem-se, meus caros: isto de fazer jornalismo com ideias decentes, tratando conjuntamente de assuntos de interesse local, num meio onde todos se conhecem, sem melindrar, sem ferir susceptibilidades, é praticamente impossível.

E aí do jornal ou de quem o escreve se se malquista com Sicrano ou Beltrano; perdem o socôgo, anos de vida, muitas vezes até o próprio futuro; já não contando com as ocultas teias de intrigas, que se forjam á volta do jornal para que lhe abalem o moral e o obriguem a fechar para sempre.

Perde, porém, a venda, o entusiasmo no público, aborrece e enoja se se adapta aos desejos particulares de qualquer «persona grata», ou se se enfenda a esta ou àquela camarilha traficadora de consciências para fins obscuros e exclusivistas, a qual é sempre um grupelho de individuos com acentuados caracteres de egoismo, antagónicos ao bem comum, contrários aos benefícios do maior número, que é o povo.

Necessita, pois, o jornal provinciano, para ter vida larga, rendosa e descuidada, ser uma espécie de equilibrista e funambulo. Para viver rodeado de confortos afidalgados com viandas fartas tem de dar crédito simultâneo a Deus e ao Diabo. Doutro modo, se logra entusiasmo não aufera benesses; e está sujeito a ir, em noite gélida e tempestuosa, de cangalhas às costas, pregar a outra freguesia.

Porque o grande público se gosta de roupa suja, do ralho das comadres, do bolício das controvérsias barulhentas e desnudantes, há também uma restrita parcela de individuos preponderantes com intuitos especiais e lucros afins, que não concorda nem gosta...

— Que martírio para o bem intencionado jornalista de via reduzida! Que inferno para a pequena imprensa!

Loureiro.

Misteriosa
?

Terras antigas

(Continuação de numero anterior)

E sobre isto escreve o Rev. do Pe. Miguel o seguinte: «As Memórias e Datas para a história da vila de Ovar, escritas em 1868 pelo Dr. João Frederico Teixeira de Pinho, ainda hoje se consideram como um trabalho de séria investigação, apenas ofuscado pela paixão política quanto às figuras e acontecimentos do seu tempo. João Frederico deixou a impressão de ter percorrido todos os arquivos e compulsados todos os documentos e marcou tão categoricamente as suas afirmações, que ninguém mais se atreveu a investigar, nem a duvidar da objectividade da sua obra. Foi na convicção de que não poderia acrescentar ao seu trabalho mais que as citações, que me abalancei á pesquisa dos documentos em que ele o teria baseado. Qual a minha surpresa, á medida que iam aparecendo materiais que obrigavam a rectifica-lo e a contradizê-lo, e permitiam fazer nova história, a verdadeira história que ele nem sequer entreviu. É pura fantasia tudo o que ele diz sobre as origens da vila, chegando a confundir Cabanões de Ovar com Cabanões de Segadães e que tão divulgado tem sido á sombra da sua autoridade.»

Se o Dr. João Frederico errou, como se vê, eu como vareiro não deixo de prestar homenagem á sua memória pelo seu trabalho que certamente foi bem intencionado, e se esse erro resultou de raro ter colhido documentos inéditos, e de não ter prestado a devida atenção ao Foral e Inquirições, como diz o Rev. do Pe. Miguel, seria naturalmente porque o que co-

Conclue na 4a. coluna

A decadência do idolo

Perde-se na noite dos tempos a origem do carnaval, que no fundo, embora mascarada por vários pretextos, entre os quais avulta o religioso, tem as suas raízes na necessidade de expansão da alegria humana, na inconsciência de alguns e no desejo de procurar nuns dias de estúrdia, em que se desafivelam as máscaras e cada um se apresenta tal qual é, o esquecimento das amarguras da vida e consequentemente uma felicidade fugaz.

Até ao advento do cristianismo, eram quâsi sempre motivos religiosos as causas aparentes do carnaval. Festejava-se um deus; e em honra desse deus praticava-se a mais desenfreada libertinagem, a orgia desregrada, dançava-se, cantava-se, bebia-se numa alegria doida e esfusante em que, como hoje, cada qual arremessando a máscara que durante um ano inteiro trouxera afivelada, dava largas aos seus instintos.

As margens do Nilo e do Eufrates, as florestas helénicas, as planícies gaulesas e as terras romanas, os próprios cedros do Libano, foram testemunhas impassíveis e silenciosas de orgias imensas e sensualistas, de irreprimíveis explosões duma alegria doida e frenética, de impávidas manifestações do libido impetuoso, praticadas em honra de fantásticos deuses. Cada qual dava largas aos seus ruins instintos e tudo era permitido em homenagem a deuses imorais, selvagens e cruéis.

As religiões — diga-se de passagem — foram sempre o melhor e mais fiel expoente da civilização dum povo. Para conhecermos o grau de civilização dos povos da antigui-

dade, não basta analisar-se as suas leis e costumes; é preciso estudar-se-lhes as mitologias.

Fenícios e hebreus, egípcios e caldeus, gregos e romanos, todos estes povos cultivaram sob o aspecto de festas a pândega e a orgia em proporções tais, que deram origem ao moderno carnaval. Os próprios gauleses, por ocasião da colheita do visgo faziam festas em que imperava a orgia sensualista; mas onde essa orgia atingiu as mais elevadas proporções de imoralidade, foi entre os romanos, cujas saturnais passaram á história como o exemplo mais vivo e mais frisante da depravação humana.

É na Idade-Média que começam a aparecer as máscaras nas ruas e que o carnaval, embora por vezes ainda um tanto selvagem, perde aquela grosseira imoralidade que o caracterizou na antiguidade.

Foram célebres os carnavais de Roma com as suas toiradas e caçadas às feras, soltas nas ruas; foram célebres os carnavais de Nice onde o dinheiro se consumia a rodos, e foram célebres os carnavais de Venesa, que deslumbraram o mundo antigo com a sua riqueza, a sua opulência e a sua magnificência dum esplendor inegalável e que atraíam á cidade dos doges, á opulenta rainha do Adriático, multidões de fidalgos, da Europa endinheirada.

Os bailes de máscaras realizaram-se pela primeira vez em França, no reinado de Carlos VII, se não estamos em erro. Por sinal que deram logo que falar de si, com uma

Continua na página seguinte

Terras antigas

lheu noutras fontes talvez não muito seguras, junto a alguma fantasia sua, e porque também não lhe seria facil no seu tempo, a investigação desses documentos inéditos de que o Rev. do Pe. Miguel foi mais feliz, achar já bastante o pouco que investigou para a história da vila.

Faço-lhe esta justiça porque de outro modo não se comprehende o alcance de enganar conscientemente a história e mormente então da sua terra.

Destes seis fascículos do Arquivo Distrital de Aveiro em que o Rev. do Pe. Miguel expõe em extensos artigos, e promete continuar, a documentação da origem de Ovar, e que parecendo que não, me deu também bastante trabalho da sumula que procurei tirar na confusão de tantas transcrições latinas e linguagem desses tempos, tantas datas, citações e opiniões de outros autores, tantas inquirições dos nossos Reis, foraes, etc., enfim tudo isto sem um resumo final em cada artigo para melhor compreensão, tive eu de o fazer que levo a este jornal, satisfeito por me parecer traduzir o sentido do autor e na convicção de prestar também um bom serviço á minha terra que fazia um juízo errado da verdadeira origem dela.

E se o Rev. do Pe. Miguel tiver conhecimento deste humilde trabalho, que me perdõe se ofendo a sua modestia, fazendo-lhe daqui um apêlo para que todo esse seu trabalho que é grande e de valôr, não fique só nas paginas do Arquivo Distrital de Aveiro, mas num livro, como vareiro que é por ter nascido na freguezia de Valega.

Ovar, Fev. 1941. G. N.

DIALOGOS

O GRANDE AMOR

As mulheres são o enigma de que nos fala o filosofo Pascal, quando as julgamos duma face elas mostram-se-nos doutra...

Mário — (Erguendo o olhar a perder-se a distância) O caso em si, na brutalidade com que me esmagou, não encerra valor intrínseco, recolheu á vida monástica é uma trivialidade que não significa mais do que a demonstração da pequenez do seu espírito.

É mais uma sacrificada por um princípio sem razão de existencia. O que tenho procurado é a razão fundamental que a levou para a vida monástica, o que a forçaria a dar tal passo na vida... (Concentrando o pensamento) Depois de oito anos de namoro não compreen-

do tal resolução... Possuo a sua correspondência que é alguma coisa vigorosa a falar-me do seu amor e da nossa felicidade futura!

Gustavo — (Tentando desvendar o mistério das palavras de Mário) Tentas tirar a conclusão da existência dum mistério qualquer que teria forçado Leonor a passar um traço negro no compromisso que assumiu de ligar o seu destino ao teu...

Mário — (Levando as mãos á cabeça num frenesi) É um inferno esta vida!... Quando somos colhidos de surpresa ficamos como que abstractos, succedendo isto com todos, a razão não raciocina claramente, faz-se noite á nossa volta e tudo são trevas... Passados, porém, os motivos que nos obscureceu a razão entra-se na plenitude da luz e então raciocinamos com segurança, surgindo, então, ante o nosso olhar as imagens nimbadas de vida fulgurante e que nos falam a

linguagem facilmente comprehensível!

Gustavo — Daí concluis que se fez luz no teu espírito sobre a existencia da vida da Leonor do Carmo?!

Mário — (Tranquilamente) Ainda não brilha no meu espírito a intensa luz que busco encontrar, só com o tempo a conseguirei...

Gustavo — Tudo deves esquecer, não é digna do teu amor, essa mulher deve ser lançada ao esquecimento...

Mário — (Numa confidencia amarga) Continuo de sentila no coração, meu amigo, ainda não pude esquecê-la... Tudo isto que me rodeia nesta casa me aviventa o lindo sonho que sonhei no passado de hontem, de constituir, aqui, o meu lar com a Leonor do Carmo.

Como tudo isto me esmaga o coração!... A minha viagem á Metropole transformou o meu espírito, deixei a alegria de viver sepultada no cemitério da

minha desilusão!... A indiferença com que todos receberam a confidencia do meu coração desconcertou-me, devo confessar que não concebia o o espírito dominante do interesse que preside aos destinos dos casamentos na metropole. De que mundo eu cá, a doce ilusão que me embalou anos seguidos caiu como castelos de cartas erguidos sobre areia! Da minha lição aproveite, e não olhes o sorriso das mulheres da Metropole com confiança, não vivem para o sacrificio, para o amor, e por conseguinte, para o sacrificio só as que vivem por aqui onde, dizem, ainda não ter chegado a civilização!... Sendo, certo, meu amigo, que esta vida colonial constitue a suprema felicidade dos mortais, existindo, por aqui, o amor sincero e desinteressado! A civilização matou o amor na Europa e com ele a felicidade!...

Continua Jorge de Montalvão.

DISCURSOLATRIA

tas a fazer uns discursos, aconselhando o trabalho aos outros. E' preciso recristianizar o povo? Pois bem: apliquem-se-lhe uns bonitos discursos, e o resto fica para depois... Os indivíduos palavrosos, quando discursam, adiam ou complicam os problemas, sem resolver nenhum.

Para tudo se aplica o mesmo remédio: discursos e mais discursos. Aqueles que os preferem nem sempre possuem autoridade moral para os fazerem. Poderão os preguiçosos aconselhar, com boa razão, o trabalho? Poderão os indecisos e oscilantes incutir fé aos outros, por meio dos seus discursos? Poderão os indisciplinados restabelecer a disciplina com palavras vistosas?

Decerto que não. As palavras só valem quando têm atrás de si obras e realizações. Trabalhe cada um, o mais que pode, para a felicidade e grandeza da nação; e só depois disso é que deve falar, se o quiser fazer. Os discursos não devem falar do que se tenciona fazer, mas sim do que já se fez.

As promessas e os planos fallham muitas vezes.

Lance-se, cada um, ao trabalho, em silêncio e sem espectacularidades: estude, produza, realize, vença todas as dificuldades. E depois de estar seguro do que fez, revele, então, a sua obra, a fim de que todos a conheçam e lhe façam justiça.

Os discursos são, às vezes, necessários, porque o silêncio contínuo acabrunha e o trabalho permanente esfalfa. Mas que se discursar nos momentos oportunos e com sobriedade. Fale cada um acerca daquilo que entende. Pronuncie apenas as palavras necessárias, e logo retome o seu trabalho. As palavras apenas valem quando são alicerçadas em obras e possuem sinceridade. Fora disso, ficam estéreis e vãs.

Adopte-se este método em toda a parte do mundo, para vantagem de todos. A palavra é uma arma de dois gumes. Fere e infelicitiza aquêle que não a sabe usar.

Mário Gonçalves Viana.

Advogado, Borges de Pinho

mudou o seu escritório da RUA DA PRATA, 279-1.º para a RUA do OURO, N.º 184-1.º, Telefone 2 3352 Lisboa.

A decadência do ídolo

tentativa de assassinato do soberano.

Noutros tempos, o carnaval estendia-se do Natal até aos Reis e só mais modernamente é que lhe reduziram a três, o número dos seus dias. Foi a Igrêja quem lhe transformou o nome em entrudo, que significa introito (introdução da quaresma), e é a ela que devemos a sua moralização.

Entre nós, o carnaval nunca teve um período de esplendor. Embora amigo de festas e de cantares, o nosso povo não sente contudo no âmago aquela alegria insana e doidivanas, que é apanágio de outros povos e, valha a verdade, o dinheiro nunca abundou em demasia nas lusas algibeiras.

A não ser no período aureo das notas de quinhentos!

Entre nós e até por toda a parte, com excepção do Brasil, está o carnaval em franca decadência, resumindo-se a sua actividade quasi que só aos bailes em salões.

Desde há muito que a sua decadência se vinha acentuando de ano para ano, e neste então, a triste situação provocada pela guerra na Europa, o instinto de solidariedade com os que sofrem as inclemências do cataclismo e o ciúme que assolou o nosso país, vieram asfixiar, vieram estrangular uma tradição que nos fora transmitida pelos egípcios através de inúmeras gerações.

Há contudo uma nação: o Brasil e uma cidade: o Rio de Janeiro, onde o carnaval é cultivado com amor e carinho e onde se passa um ano a juntar o dinheiro que se gasta numa semana de folguedos carnavalescos. E' ali talvez o último reducto do carnaval. Não admira: um clima quente e um país rico, onde a vida não apresenta dificuldades de maior e por conseguinte um povo alegre e despreocupado, proclamando aos quatro ventos, alegremente, que lhe «vem na massa do sangue a farra nacional!» Alberto Pacheco.

Falecimentos

Faleceu no dia 22, sepultando-se no dia imediato, com regular acompanhamento, a sra. Antónia Marques da Silva, sogra do sr. Victorino Alves Ferreira Ribeiro e tia dos srs. Joaquim, Augusto, David, Francisco e Jaime Dias de Rezende.

— Com a idade de 76 anos, sucumbiu no dia 21, na sua casa da Rua Capitão Leitão, o sr. Joaquim Bazilio dos Santos, sogro do sr. Jaime da Silva Gomes.

O funeral effectuou-se ao cair da tarde do outro dia, com regular assistência.

A's enlutadas famílias endereça «O Povo» as suas condolências.

Carnaval

Este ano passou quasi que desapercibida a época carnavalesca na nossa vila.

Os efeitos do temporal, a quadra invernosca que se seguiu e ainda as determinações superiores proibindo os folguedos carnavalescos, mataram os adeptos e os simpatizantes do deus Mo-mo.

Nos salões das conhecidas colectividades vareiras, onde se realizaram bailes de carnaval, brincou-se, jogou-se e dançou-se até ao alvorecer do dia seguinte.

O salão da Banda dos Bombeiros abarrotava de povo que se divertia.

O da congere Ovarense era tamanino para aquele mar de gente que se movia a custo.

O do Orfeão, estava lindo pela sua ornamentação artificial e o friso esbelto das lindas tricaninhas da terra mais encantador tornava o ambiente.

Numa só frase: Era um primor.

Mais um valioso opúsculo

Em 4 de Março de 1939 o Exmo Snr. Dr. Rolla Hill, illustre Delegado em Portugal da Rockefeller Foundation, veio realizar ao Porto, a convite da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, uma conferência subordinada ao título «Algumas considerações sobre a saúde pública». Nêsse magnífico trabalho o illustre cientista norte-americano defende com copiosos e valiosos argumentos um vasto plano sanitário para o nosso País, com pessoal competentemente especializado e exercendo essa ocupação — com vencimentos, portanto, que, correspondendo a um regimen de full time, permitam a cada médico sanitário, a cada engenheiro sanitário, e a cada enfermeiro, enfermeira ou pessoal de qualquer natureza, dedicar-se por completo aos importantes serviços que lhe são confiados, vencimentos que, como contrapartida, permitam ao Estado exigir-lhes absolutamente todas as suas energias, todo o seu saber e toda a sua independencia moral.

Agradecimento

Manuel Rodrigues Pepulim e mais família veem penhoradíssimos agradecer a todas as pessoas que os cumprimentaram pelo falecimento de sua mãe, a todas que se incorporaram no presépio funebre, assim como ás que assistiram à missa mandada celebrar por sua alma.

Ovar, 23 | 2 | 941.

Eleições de colectividades locais

Na recente reunião da Assembleia Geral foram eleitos para os corpos gerentes da Casa dos Pobres relativo ao trienio de 1941 a 1943 os seguintes cidadãos:

Assembleia Geral

Presidente, Dr. António Baptista Zagalo dos Santos; Vice-presidente, Dr. José Eduardo de Souza Lamy; Secretários, António Lúcio Pinto da Gama e Manuel de Almeida Gomes Pereira.

Direcção

Presidente, Dr. Augusto Juliano Arala Chaves; Vice-presidente, Joaquim Correia Dias; Tesoureiro, António da Silva Bonifácio; Vogal, Manuel Rodrigues Formigal; Secretário, Manuel Augusto Nunes Branco; Suplentes, José Ramos, José de Oliveira Pinho e Mário da Cruz Almeida.

— x —

ESTRELA FOOT-BALL CLUB

No domingo passado realizou-se a Assembleia Geral deste club para eleição dos seus corpos gerentes que deu o seguinte resultado:

Direcção

Presidente, Dr. José Eduardo de Sousa Lamy; Vice-presidente, José Augusto Lopes Fidalgo; 1.º Secretário, Fernando Régio Furtado; 2.º Secretário, José Joaquim Pereira; Tesoureiro, Eduardo Augusto de Sousa; Vogais, Augusto Soares Rezende e João Correia Pacheco;

Assembleia Geral

Presidente, Manuel Pacheco Polónia; Vice Presidente, Padre Manuel José Ferreira Torres; 1.º Secretário, António André Rêdes; 2.º Secretário, Serafim Rocha Pereira Bastos; Vogal, Mário Tarujo Lorangeira;

Conselho Fiscal

Presidente, Francisco de Oliveira Belo; Relator, José Maria da Costa e Pinho; Vogal, David Dias de Rezende.

Desportos

Eduardo Augusto de Souza; Edmundo de Pinho Neves; Tiro: Tenente Egidio Teixeira de Almeida.

Notas a lápis

Aniversários

Fazem anos:

Hoje, o sr. Delmar Marques Pereira;

Amanhã, os srs. Manuel da Silva Nataria, Augusto Ferreira Regalado, a sr.^a D. Palmira Marques Pereira, esposa do sr. Manuel José Pereira, a menina Palmira de Pinho Marques Branco, filha do sr. Manuel Marques Branco, e o menino Ruy, filho do sr. Júlio Barra;

No dia 1 de Março, a sr.^a D. Emilia de Oliveira Santos Borges, o sr. Domingos Adriano de Oliveira Paulino, a menina Maria Valente Pereira Muge, filha do sr. Francisco Pereira Muge, e o menino António Rodrigues Pinho, filho do sr. António Augusto Pinho, ausente na Beira;

No dia 2, a menina Maria Albertina Marques Romão, dilecta filha da sr.^a D. Albertina Marques Romão, os meninos Guilherme, filho do sr. António de Oliveira Amaral, e João da Silva Nataria, filhinho do sr. Honório da Silva Nataria;

No dia 4, a menina Lucia Pais Soares, simpática filha da sr.^a D. Maria da Silva Pais, os srs. Mário Pereira de Carvalho e Cunha e António Dias André;

E no dia 5, o sr. dr. António Gonçalves Santiago, e o menino Victor Manuel, filho do sr. Manuel Gomes Pinto Júnior.

A todos, as nossas felicitações.

Casamento

Consoiciou-se no dia 18, pelo Registo Civil, o sr. Manuel Marques Patricio, funcionário dos Serviços Municipalizados de Electricidade, com a prezada menina Rosa Soares de Oliveira, filha do sr. António Soares, auzente na America do Norte.

O acto religioso efectuou-se na nossa igreja matriz.

Aos simpáticos noivos auguramos-lhe um ridente porvir.

Doente

Guarda o leito bastante incomodado de saúde o sr. Manuel Bernardino de Oliveira Gomes.

Também tem passado muito abalado da saúde o sr. Luiz de Moura Brandão, considerado comerciante desta praça.

Partidas e Chegadas

Seguiu ontem para Viana do Castelo, onde vai exercer o cargo de tesoureiro no Banco Nacional Ultramarino, daquela cidade, o nosso conterrâneo sr. António Marques Pereira.

Depois duma auzencia de alguns mezes, regressou a esta vila, para onde veio transferido, o nosso patricio sr. José Teixeira de Castro.

Restabelecido da sua saúde, o que registamos com prazer, regressou de Lisboa a esta vila e assumiu as suas funções o sr. Dr. Francisco Antonio Chichorro Marcão, digno notário desta comarca.

A BEM DA SAUDE

Sobre o cancro tenho aqui vários artigos de verdadeiras autoridades médicas. Cada um deles é tão grande como tudo quanto já escrevi a propósito desta doença. A transcrição completa destes artigos levar-me-ia muito longe. Limitar-me-ei, portanto, a fazer-lhes ligeiras referências, pois não desejo abusar da complacência da minha meia dúzia de leitores

CHAVE PARA O ENIGMA DO CANCRO

XII

Extractos duma entrevista com o Dr. F. E. Chidester

Encimam este artigo duas expressivas gravuras. Numa página o sol nascente irradiando luz; um agigantado atleta; árvores, frutas e vegetais; homens, senhoras e crianças praticando cultura física. Na outra página a morte, de enormes asas negras e espada desembainhada, gente decrepita, moribundos, caveiras... num quadro horrendo.

O Dr. Chidester tem sido professor em várias universidades, e há mais de trinta anos que se dedica a investigações e experiências biológicas. Nos últimos cinco anos a sua actividade tem-se concentrado principalmente sobre o cancro. Atribue a causa desta enfermidade ao mau funcionamento glandular motivado por deficiência de iodo, de vitaminas, e outros erros alimentares.

Dêste excelente artigo transcrevo apenas o seguinte:

«Sois um dos milhares de homens e de mulheres que vivem com o receio de, qualquer dia virem a ser vítimas do cancro? Tendes perguntado a vós próprio se não sereis o primeiro a juntar-vos àquele trágico exército de doze milhões de pessoas na América que, cedo ou tarde, contrairão esta doença? (O entrevistado, sendo americano, refere-se, evidentemente, ao seu país) Meio milhão de americanos têm presentemente o cancro; dêste meio milhão, 150.000 morrerão dele nos próximos trezentos e sessenta e cinco dias; e a doença está a aumentar à razão de cerca de dois por cento ao ano.

«Consultando o vosso médico, êle vos dirá que, se contrairdes o cancro, a vossa única probabilidade de cura é um pronto diagnóstico, logo seguido de intervenção cirurgica e de irradiação. Isto só não chega, infelizmente. E' absolutamente indispensável qualquer coisa mais para modificar e melhorar aquela ortodoxa opinião médica — visto que a cirurgia e a irradiação, só por si, são incapazes de dominar o cancro.

«Os médicos são unânimes em declarar que uma hábil operação e irradiação são essenciais para extirpar, suprimir o cancro depois dele se haver iniciado. Mas o que eu proponho é qualquer coisa adicional à cirurgia e à irradiação — qualquer coisa que lhe aumentará a eficiência — qualquer coisa inteiramente de acôrdo com os melhores processos médicos para proporcionar ao corpo humano a máxima saúde possível. Uma impressionante evidência de factos indica que a verdadeira solução para o problema do cancro é a correcção de certas anomalias das funções químicas de organismo que são directamente devidas ao esgotamento das glândulas endócrinas, causado por erros do viver.

«A relação existente entre o depauperamento glandular e o

cancro foi-me sugerida pela morte duma linda e talentosa mulher, casada com um amigo meu. Ela vivia numa região onde a papeira é frequente. Em virtude da deficiência nutritiva em iodo, principiou a sofrer da glândula tiroide. Devido ao desarranjo dessa glândula, deu à luz uma criança cretina. A sua segunda criança era normal, mas ela deixou de o ser. Aposou-se de si uma melancolia profunda, que depois passou a loucura declarada. O último acto da tragédia foi a transição da sua papeira para um cancro tiroideo, que, seguidamente, afectou também os ovários. Morreu pouco depois.»

«...A chave para o enigma do cancro é a chave para todas as doenças da velhice. Estas doenças são motivadas pelo excesso de substâncias mórbitas existentes no organismo. O cancro e bem assim a arteriosclerose e as afecções do coração formam na verdade um melancólico triunvirato de sofrimentos para os quais todas as outras doenças parecem avançar, e em provavelmente culminarão se o indivíduo, para isso, viver o tempo suficiente. O procedimento sensato é, pois, adiar por todos os meios o início do ataque de qualquer daquelas doenças.

«Os erros que as originam podem resumir-se da seguinte maneira: Dieta imprópria; prisão de ventre; falta de exercício; excessiva estimulação das glândulas por trabalho demasiado ou amofinações; banhos de sol de excessiva duração; uso de sal de cozinha demasiadamente iodado; excessivo uso da Vitamina D concentrada, não compensada pela Vitamina A; e indiscricionado uso de poderosas hormonas, algumas das causadoras do cancro quando indevidamente tomadas.

«...O profano que quiser libertar-se da possibilidade de se lhe manifestar um cancro deverá evitar aqueles erros. O seu alimento deverá constar de um litro de leite por dia; abundância de frutos e vegetais, não só crus como cozidos; cereais integrais; uma pequena porção

de alimento animal, principalmente de peixe, por ser o melhor e mais prático meio de se obter o importantíssimo iodo, em que os alimentos são geralmente deficientes.

«...Para o homem inteligente, capaz de pensar com clareza e de ter acções decididas na orientação da sua própria vida, fica-lhe revelado o modo de prevenir o cancro em si e na sua família. E não só o cancro como as outras duas graves doenças do triunvirato. Ele pode superintender na sua própria dieta de maneira a fazê-la regressar tanto quanto possível à dieta natural para a qual os seus órgãos digestivos foram adaptados. A sua vida está-lhe nas mãos — nas suas próprias mãos!»

Como disse, é extremamente longo e minucioso o artigo. Vejo-me, portanto compelido a finalizar este extracto com as seguintes palavras do entrevistado:

«O cancro NUNCA ataca os tecidos saudáveis, normalmente alimentados por sangue normal. Pode apenas surgir em tecidos grandemente perturbados por deficiências alimentares e substâncias mórbitas».

São tão simples quão admiráveis as declarações do preclaro cientista, e bem assim os seus preceitos de saúde. Quer-me, todavia, parecer que, salvo honrosas excepções, não darão resultado neste meio.

Beber leite? Quem fala nisso!

Comer cereais integrais? Quasi impossível no nosso país. O adquirir-los (o trigo e o arroz, por exemplo) constitui crime severamente punido por lei.

Gimnástica? Marcha? Nem sequer para esquecer... Mais vale morrer de frio...

Adoptar dieta racional onde predominem os frutos? Para quê? Imperam hábitos inveterados: Come-se o que apetece, e não o que se deve comer.

Nem seria chique imitar a alimentação de símio...

A vida, no notável conceito do dr. Chidester, está-nos nas mãos — nas nossas próprias mãos! E' só querer aprender a vivê-la com juízo. Há, porém, quem prefira sepultá-la com os dentes!...

Sá Couto.

Visado pela Comissão de Censura

Agradecimento

A família de Tomás Soares Vinagre, muito reconhecida agradece a todas as pessoas que a cumprimentaram por ocasião do falecimento do seu saudoso extinto e o acompanharam à sua última jazida e ainda às que assistiram à missa do sétimo dia.

Vida Desportiva

Ovarense — Beira-Mar

Mais uma vez o futebol afirmou-se como um jogo falho de lógica se nos puzermos a rever os números do encontro realizado em Aveiro no passado domingo.

E tudo isto porque o nosso club regressou daquela cidade trazendo às costas uma pesada derrota, que não condiz, absolutamente em nada, com o decorrer do desafio.

Começaremos por dizer que os locais nunca afirmaram superioridade que justificasse os números verificados, antes pelo contrário, visto o nosso team ter mostrado sempre mais ossatura durante a hora e meia de jogo e nem mesmo quando o seu triunfo já quasi não oferecia dúvidas pôde comandar a partida.

E uma breve resenha da maneira como o jogo decorreu bastará para que os nossos leitores não vejam nas nossas palavras, desejo de justificação imerecida ou propósito de diminuir o triunfo adversário.

O nosso team começou por fazer os dois primeiros goals da tarde e manteve-se a ganhar por 2-0 até aos 40 minutos da primeira parte. Nestes breves 5 minutos o Beira-Mar empatou, por hesitações da nossa defesa, sendo o último tento já feito quando soava o apito para o intervalo.

O recomêço é que nos foi fatal, pois iniciou-se com um goal marcado na nossa própria balisa por jogada infeliz de Marques. Depois foi Jacinto que, por manifesta infelicidade umas vezes e por intervenção ilegal de adversários noutras, não pôde fazer passar o seu team a vencedor.

Entretanto, Alberto, infeliz também, dava o quarto tento aos locais e, desta maneira, o quinto veio naturalmente, fixando o resultado final num 2-5.

Mas não foi só com isto que o nosso team teve de lutar no passado domingo. Criou-se à volta do rectângulo um ambiente de tal natureza pesado — e nada houve durante o jogo, entre jogadores, que tal justificasse — que os nervos dos nossos homens não podiam ter deixado de ser influenciados e disso se ressentiram visivelmente.

E' de lamentar que na capital do distrito não se possa assistir a um encontro de futebol em ambiente mais correcto e decente, pelo menos pelo que diz respeito aos assistentes visitantes.

E' certo que em toda a parte há discólos e inconscientes a assistir a estes prélhos, mas é de lamentar que neste capítulo a capital do distrito bata, largamente, as aldeias que lhe estão à volta e onde também

AINDA O TEMPORAL

O violento ciclone que assolou o país lés-a-lés causando enormíssimos prejuizos e originando inúmeros desastres pessoais, deixou, como já dissemos no nosso anterior número, um rasto de destruição e luto no nosso concelho.

Foram em número de 7 os infelizes conterrâneos nossos vítimas do temporal que pereceram nas águas do Tejo, segundo nota que nos foi obsequiosamente fornecida pelo Sindicato Nacional dos Fragateiros, de Lisboa.

São eles: José Tadeus dos Santos, de 64 anos, casado; Manuel Maria Tavares (Rabiço), casado, de 32 anos, deixando viúva e quatro filhos menores; Manuel da Silva Paiva, solteiro, filho de José Ferreira Paiva (Serra); Francisco de Pinho Alho, solteiro, de 19 anos, filho de José Martins Pinho Alho; Eduardo Gomes de Pinho, de 25 anos, solteiro, filho de Alexandre Gomes de Pinho; Américo Pereira da Cunha e Costa, de 36 anos, casado, deixando viúva e dois filhos menores, e António Augusto Rodrigues Faneco, de 37 anos, casado, deixando viúva e um filho. Encontra-se hospitalizado em virtude de ferimentos recebidos António de Oliveira Pinto (Canário).

Ao luto e à dor que feriu suas famílias associa-se este jornal.

Relatámos dum modo geral no número anterior os estragos registados neste concelho e hoje completamos essa noticia dando nota de outros que nos parecem dignos de menção.

Na igreja matriz a vertente do lado sul do telhado foi quasi toda descoberta e a cruz da frontaria do templo derrubada.

Dois pilares de cantaria da capela da Senhora da Graça partiram e o telhado recebeu danos, o mesmo sucedendo à capela do Calvário.

Uma chapa da chaminé da

se pratica o futebol oficial.

Mal vai quando o mau exemplo vem de cima...

O nosso team alinhou: Capela — Catalão — Aguiar — Alberto — Mendes — Marques — Estarreja — Amílcar — Sanfins I — Jacinto e Alfredo.

Os nossos marcadores foram Alberto e Estarreja.

Como já anunciámos a Ovarense vai no próximo domingo a Anadia jogar com o club local. Deve ser uma jornada interessantíssima. Por isso todos aqueles que puderem não devem deixar de se inscrever na sede do clube vareiro a fim de acompanharem a caravana de camionete.

VASCO.

casa Gerónimo voando de encontro à escola Conde Ferreira, destruiu uma janela e danificou carteiras.

As chaminés derrubadas foram de algumas dezenas e produziram grande pânico nas famílias dos prédios a que pertenciam.

Foram de muitos milhares as árvores arrancadas e especialmente nas freguesias de Válega e S. Vicente houve pinhais que foram quasi completamente destruídos. Em Válega e em Maceda alguns pinheiros caíram sobre dois prédios de casas danificando-os bastante.

Na estrada do Furadouro, foram derrubados treze eucaliptos abrindo pronunciadas clareiras na linda orla de árvores que marginam a estrada.

No Furadouro foram derrubados alguns palheiros e tanto ali como nos bairros pobres do Lamarão, rua Capitão Leitão e outros pontos, também, o temporal derrubou algumas casas de madeira e danificou outras.

Nas ruas da vila produziu-se verdadeira chuva de telhas tornando-se por isso e pelas fortes rajadas de ventania perigoso e difícil o trânsito.

Alguns globos de iluminação pública da Praça da República, da Praça 5 de Outubro, do Largo 1.º de Dezembro e jardim Alexandre Sá Pinto foram estilhacados e grande número de lâmpadas das ruas desapareceram.

Na rede eléctrica do concelho produziram igualmente consideráveis prejuizos. Assim no ramal da Ponte Readá e terminus da linha da rua Ferreira Meureres, onde se partiram postes de cimento, rebentaram as linhas por terem caído árvores sobre as mesmas.

Na estrada do Furadouro, desde o começo da mesma até à praia, estão quasi todos os postes partidos e as linhas foram cortadas em vários sitios por sobre elas terem caído eucaliptos e outras árvores.

Em VALEGA, os logares da Corga do Norte e do Sul, Porto Laboso, Bustelo, Real de Cima, Estrada de Baixo e Pereira, e a estrada desde o logar do Seixo à Ponte de Candosa foram os que mais sofreram, pois todos os postes foram quebrados e as linhas cortadas.

Em S. VICENTE, foram os logares de Cassenes, Cruzeiro, Outeiro, Mouquinho, Pereira, Devesa, Castanheiro, Quinta Nova e Casal, Herdade e Soalheira, que mais sofreram em virtude das árvores que caíram por sobre os postes partindo-os e cortando as linhas.

Em ARADA, nos logares da Murteira, Aldeia, São Martinho e Pedras de Baixo também foram os postes partidos e as linhas electricas rebentadas.

Em MACEDA, todo o logar

Cofre de Providencia

Ministerio das Finanças

A Assembleia Geral do Cofre de Providência do Ministério das Finanças, reúne no próximo dia 28, pelas 21 horas, na sala de concursos, da Direcção Geral das Contribuições e Impostos, Ministério das Finanças, para leitura, discussão e votação do relatório e contas da gerência de 1940, fixação do subsídio referido no Art.º 18.º do Estatuto a eleição dos corpos gerentes para a gerência de 1941.

Do relatório verifica-se que esta Instituição, tem actualmente 10.181 sócios e nos seus 15,5 anos da sua existência, pagou de subsídios a importância de esc. 16.620.342\$20 e de pensões por doença, esc. 246.810\$70.

Estes números mostram os benefícios concedidos às famílias dos sócios falecidos e aos próprios sócios, visto que o Cofre paga parte do vencimento perdido quando estejam doentes.

Aliança Foot-Ball Club

ASSEMBLEIA GERAL

Convocam-se todos os associados desta agremiação, a reunirem-se no próximo domingo, dia 2, pelas 10 horas, na sua sede, a fim de elegerem os corpos gerentes para o corrente ano.

A Comissão Administrativa.

da Carvalheira, desde o principio do logar até à estrada que vai para o apeadeiro, e, também, nesta estrada, Rego de Baixo e Monte da Lavoura, todos os postes foram partidos.

Em CORTEGAÇA, na estrada do apeadeiro, logares da Igreja, Monte, Madragoa e Pedras, por efeito da queda das árvores, os postes e as linhas ficaram destruídos.

E em ESMORIZ, na estrada da Estação, estrada que vai para Paramos, nos logares da Ceara, Arrabalde, Castanheiros, Gondezende, Paço, Matosinhos e Relva, partiram-se os postes e rebentaram as linhas.

Também quasi todos os postes de alta tensão do Lindoso, desde Avanca a Ovar, foram derrubados.

A iluminação pública na vila foi restabelecida na madrugada do dia 24 e em parte da freguesia de Válega começou a ter luz depois das 14 horas do mesmo dia.

A restante parte de Válega, bem como as demais freguesias do concelho só poderão ter luz depois das avarias reparadas, o que levará algum tempo, não obstante andarem brigadas de pessoal empregadas na reparação dessas avarias.